**Formação e Experiência Sensorial:** reflexões iniciais.

Barbara de Almeida Santos[[1]](#footnote-1)

Leandro Machado dos Santos[[2]](#footnote-2)

**Resumo:**

Nossa reflexão é um breve passo no entendimento do conceito de experiência. Como se trata de um conceito com múltiplos significados e composto por várias dimensões, objetivamos aqui apresentar a primeira versão da nossa abordagem sobre o papel da experiência sensorial na produção do conhecimento que o ser humano formula para viver, a partir do contato que ele estabelece com o mundo exterior. Para cumprir essa tarefa nos debruçamos sobre algumas reflexões produzidas por Paulo Freire, estabelecendo um diálogo frutífero com as ideias elaboradas pelo neurocientista Miguel Nicolelis, dentre outros autores da teoria social e do pensamento tradicional. A ideia é que esse trabalho seja o primeiro que produzimos para pensar a experiência e seu papel na produção de história e memória individual e social.

**Palavras-chave:** Educação popular; Neurociência e educação; Pensamento Tradicional; Epistemologia da prática.

 O conceito acerca da “experiência” deixou muitas lacunas e, por esse motivo, produziu várias interpretações e significados, que se aproximam ou se distanciam, mas muitas vezes divergentes. Certamente a ideia de “experiência” aponta para uma diversidade enorme de conceitos que contemplam o contato do ser humano com o mundo e com outros seres humanos ao seu redor. Está muito além do nosso simples contato com a materialidade da realidade, considerando que produz memórias relevantes tanto para a continuidade da nossa vida como espécie, quanto da nossa história enquanto indivíduo finito, limitado espacial e temporalmente. Se o conceito encontra muitos significados, nossa tarefa aqui consiste em pensar uma possível dimensão dessa experiência, que está relacionada à forma como nós nos relacionamos com o mundo exterior e como produzimos conhecimento importante a partir disso.

A retomada da infância distante, buscando a compreensão do meu ato de ler o mundo particular em que me movia - e até onde eu não sou traído pela memória -, me é absolutamente significativa. Neste a que me vou entregando, re-crio, e re-vivo no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra. Me vejo na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada por árvores, algumas delas como se fossem gente, tal intimidade entre nós - à sombra brincava em seus galhos mais dóceis à minha altura eu me experimentava em riscos menores que me preparavam para riscos e aventuras maiores (FREIRE, 1993; p.: 12).

 No fragmento acima, Paulo Freire (1993), fala sobre sua infância no Recife e nos mostra a relevância de suas primeiras experiências para o sujeito que ele se tornaria mais tarde, bem como para a importância que elas têm em suas reflexões teóricas e suas obras que se tornaram clássicos para a posteridade, mostrando que a experiência sensorial, ou seja, o contato direto entre nosso córtex cerebral e o mundo exterior, mediado pelo conjunto complexo de terminações nervosas que se convertem nos nossos sentidos humanos (visão, audição, tato, olfato e paladar, além do nosso equilíbrio), como nos fala Miguel Nicolelis (2020), é capaz de produzir conhecimento, a medida que produz memória que dará sentido a tudo que encontramos a nossa volta.

 O primeiro desafio que temos para que possamos encontrar sentido para nossa vida e relação com o mundo exterior está relacionada a uma tarefa inicial que será dada ao indivíduo durante seus primeiros anos de vida, que é compatibilizar o nosso córtex cerebral complexo com o corpo que carrega esse córtex e todas estruturas subcorticais (NICOLELIS, 2020). O que significa dizer que por mais complexo que nosso córtex desenvolvido possa ser, ele não reconhece imediatamente o corpo que o carrega, talvez por esse motivo a nossa espécie tenha tamanha dificuldade de controlar sua atividade motora nos primeiros anos de vida.

Perceba que, a busca por essa compatibilidade envolve um esforço cognitivo e neurofisiológico bastante relevante de modo que o indivíduo tenha que criar seus próprios padrões motores para controlar o corpo que ele tem.

Portanto, para realizar qualquer tarefa - seja calcular o movimento do braço, seja mapear uma cadeia complexa de relações causais necessárias para construir uma nave espacial -, o cérebro humano constrói continuamente abstrações mentais e analogias, procurando o melhor ajuste entre a simulação neural interna - a sua visão do mundo - e o trabalho a executar. Qualquer coisa que tenha se materializado dentro do universo humano em toda sua história, da primeira palavra falada à criação de ferramenta, ou a composição de uma sinfonia, ou o planejamento de um genocídio terrível, teve que ocorrer na forma de uma abstração mental ou uma analogia, dentro da cabeça de alguém. (NICOLELIS, 2020; p.: 106).

Nesse sentido, a nossa forma de ver e de nos mover no mundo seria orientada inicialmente pelas abstrações e analogias que construímos acerca dele, de modo que nossa vida carregasse mais previsibilidade e segurança nas nossas ações. Assim, até que esse processo se consolide e o córtex e o corpo se tornem compatíveis, toda energia consumida vai ser convertida no acúmulo de informações necessárias para garantir a vida do indivíduo e a continuidade da espécie. Sendo assim, a criança pequena vai acumular suas primeiras experiências à medida em que vai tomando o pleno conhecimento de si, contemplando simultaneamente corpo e córtex.

Assim sendo, o desenvolvimento do indivíduo se dá de modo gradual, entendendo que inicialmente ele precisa reconhecer o espaço em que vive, com todos os seus riscos e potencialidades, para posteriormente começar aprimorar seu exercício cognitivo de delegar significado profundo e integralmente conhecido para o mundo a sua volta. Nesses termos, a experiência sensorial que o indivíduo tem com a realidade exterior vai possibilitar a apreensão de uma série inumerável de comportamentos sociais convencionados, que a espécie desenvolveu ao longo do tempo, como os cuidados com o corpo, o desenvolvimento pleno de suas capacidades motoras e o domínio de uma série de símbolos e significados que possibilitam a comunicação com a comunidade próxima e com o restante do mundo. Interessante pensar que esse mundo vai sendo progressivamente aumentado à medida que o indivíduo desenvolve a capacidade de se movimentar e se relacionar sem a tutela de seus pais ou responsáveis.

Essa comunicação, mediada especialmente pelo domínio da palavra falada, amplia de maneira bastante relevante o sentido que a materialidade da realidade assume. Pois, na fase anterior, em que a mediação se daria apenas por meio do contato com o mundo através de seus sentidos humanos, a partir do desenvolvimento da linguagem, a criança começa a delegar novos sentidos ao mundo que a cerca, bem como aprimorar os significados já existentes, como nos diría Lev Vygotski (1991).

Se esse movimento é bastante perceptível quando nos referimos ao desenvolvimento cognitivo do indivíduo nos primeiros anos de vida, à medida que o tempo passa, a ideia de conhecimento e de cognição se deslocam, já que a experiência sensorial parece perder completamente seu peso na produção de conhecimento socialmente relevante, já que o padrão de formação produz uma dicotomia entre abstração e realidade, pensando a formação como sendo sinônimo de uma experiência racional pura, como se os sentidos humanos não fossem a todo instante calibrados pela cognição e pela razão, como nos diz Miguel Nicolelis (2020).

O simples ato de mover o braço para pegar alguma coisa, pode não parecer, mas é um ato pensado, já que esse movimento não se desenvolve de maneira autônoma. Antes do braço começar a se mover precisa partir do nosso córtex motor o comando para o movimento, a questão é que esse comando acontece de forma extremamente rápida para que não produza qualquer prejuízo com atraso da ação. Assim, o movimento fino das mãos dedicado, por exemplo, à escrita, demanda um alto grau de desenvolvimento da nossa capacidade motora, mas ao mesmo tempo demanda um elevado grau de conhecimento que o indivíduo conseguiu produzir sobre seu próprio corpo, armazenando principalmente a memória acumulada sobre esse tipo de movimento.

Em outras palavras, o ser humano cria e pensa naquilo que cria o tempo todo, afinal, tudo o que existe ao nosso redor só encontra os significados que carregam por conta da nossa capacidade de dar sentido ao mundo em que vivemos (NICOLELIS, 2020).

Esse contato direto com a realidade é tão relevante para a nossa formação que o nosso córtex não se desliga nunca. Por exemplo, os nossos sentidos humanos permanecem ativos mesmo durante o sono, inclusive na fase mais profunda desse sono, caracterizada como sono REM (Rapid Eye Movement), capaz de influenciar as nossas experiências oníricas e ao mesmo tempo nos proteger de qualquer perigo real que possa nos atingir. Por mais que a visão, sentido predominante no nosso contato com a realidade, esteja inativo, os neurônios responsáveis por esse sentido são imediatamente recrutados para cumprir outras funções e aguçar os demais sentidos, de modo que, caso ocorra qualquer mudança ambiental capaz de colocar meu corpo físico em risco, o indivíduo é imediatamente despertado (FREUD, 2001). Em outras palavras, não existe um segundo sequer que os sentidos humanos estejam completamente inativos, já que eles são extremamente relevantes para mediar a nossa experiência com o mundo exterior e, se por um lado o seu uso exclusivo pode nos dar apenas uma mostra do que é a realidade em que estamos imersos, por outro, sem eles seria impossível nos movimentarmos pelo mundo e produzir uma série de memórias que são relevantes para a vida da espécie, de modo que se consiga diferenciar situações adversas de situações favoráveis à nossa forma de vida. A ideia de dia e noite, claro e escuro, quente ou frio, mole e duro, etc. existem enquanto conceitos muito antes da espécie desenvolver sua capacidade de escrita e sem essas memórias nós não teríamos chegado até aqui.

Muitos povos tradicionais espalhados pelo mundo, que não conservam suas memórias como nós, com o armazenamento de material escrito, produzem sua interpretação da realidade mediada pelos sentidos humanos, já que toda narrativa parte da experiência vivida, do cotidiano da vida prática e comum. Os Yanomamis, como nos fala Davy Kopenawa e Bruce Albert (2015), fazem parte dos portadores dessa tradição. O que não significa que essa qualidade epistemológica se reduza a apenas eles, mas se estende às classes populares, sobretudo aquela parcela pouco escolarizada, que transmite suas memórias aos mais novos sem cobrar qualquer imposto, bem ao estilo daquilo que fora apontado por Walter Benjamin (data), como característica do narrador. Essas memórias não são necessariamente a interpretação da informação que chegar diuturnamente, mas representa parte da memória que a espécie conserva e que sustentou a vida no planeta até aqui.

**Considerações finais:**

Nesses termos, nossa argumentação consiste em defender a ideia de que as sociedades contemporâneas, regidas por um modelo de racionalidade que despreza a experiência sensorial, classificaram a experiência sensorial como irrelevante. O problema é que a nossa experiência sensorial nos coloca diante da materialidade da realidade com todos os limites e possibilidades que essa materialidade nos apresenta. Afinal, para que possamos pensar sobre o mundo em que vivemos não basta ter contato com os conceitos que falam sobre esse mundo como se eles sobrevivessem a qualquer tempo espaço, às vezes precisamos sentir esse mundo para notar que a sua temperatura está subindo ou descendo demais, precisamos observar, com toda nossa capacidade visual o grau de destruição que produzimos até aqui, com todos os genocídios terríveis durante nosso tempo de vida enquanto espécie que habita esse planeta, precisamos sentir o odor fétido e o gosto amargo da fumaça carregada de carbono que respiramos todos os dias nas grandes cidades espalhadas pelo planeta. Já que por mais perfeitos e completos que os conceitos sejam, eles continuam sendo apenas conceitos. São ferramentas importantes para entender as contradições que marcam nosso tempo, mas não são suficientes para transformar essa realidade sem experiência concreta com o mundo.

**Referências bibliográficas:**

BENJAMIN, W. O narrador. In: **Magia da técnica, arte e política.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1993.

FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Santos.** Tradução Walderedo Ismael de Oliveira. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

KOPENAWA, Davy; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**. Palavras de um Xamã yanomami. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

NICOLELIS, Miguel. **O Verdadeiro Criador de Tudo**: como o cérebro humano esculpiu o universo como nós conhecemos. São Paulo: Planeta, 2020.

VYGOTSKI, Lev. **A Formação Social da Mente**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1991.

1. Graduada em Pedagogia pela UFRRJ, professora de ensino fundamental da Rede Municipal de Educação de Angra dos Reis (RJ). profabarbarasalmeida@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Professor. Graduação em Ciências Sociais, mestre e doutor em Educação. Departamento de Teoria e Planejamento de Ensino (DTPE/ UFRRJ). marxcso@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)